

Ayako Rokkaku

Playful, Stormy, Continuing

Uma tempestade nunca devolve a paisagem exatamente como a encontrou. Há nela uma força capaz de deslocar aquilo que parecia estável, embaralhar contornos e instaurar, ainda que por instantes, outra ordem possível. Quando passa, algo permanece e algo inevitavelmente se transforma. Talvez seja justamente nesse intervalo — entre o que desaparece, o que surge e aquilo que continua — que se encontre uma das chaves para adentrar a pintura de Ayako Rokkaku.

Playful, Stormy, Continuing, primeira exposição individual da artista japonesa na América do Sul, reúne um conjunto de pinturas inéditas concebidas a partir desses três estados. Mais do que palavras reunidas em um título, elas descrevem movimentos que atravessam sua prática. Brincar implica experimentar; a tempestade desorganiza e transforma; continuar pressupõe aceitar que nada retorna exatamente ao ponto de partida. Há, portanto, uma espécie de movimento contínuo em sua pintura, como se cada imagem existisse menos como forma concluída do que como um acontecimento em curso.

O filósofo Henri Bergson compreendia a vida a partir de la durée, uma duração que não poderia ser dividida em instantes independentes, pois cada momento conserva algo daquele que o antecedeu ao mesmo tempo em que produz aquilo que ainda está por vir. A existência seria, assim, menos uma sucessão de estados do que um fluxo contínuo de transformação. Algo semelhante acontece nas pinturas de Rokkaku: as imagens não obedecem a um desenho previamente estabelecido, mas surgem enquanto são feitas. Suas obras começam pelo abstrato e é desse campo inicialmente informe que, aos poucos, corpos, rostos e presenças começam a aparecer.

Pintar, para Rokkaku, é também descobrir. Seus personagens não chegam à tela como figuras imaginadas anteriormente; emergem do encontro entre cor, gesto e matéria. Há algo de revelação nesse processo, como se a artista precisasse atravessar a pintura para encontrar aquilo que ela própria ainda desconhece. As mãos assumem aí um papel fundamental. Rokkaku frequentemente dispensa pincéis e estabelece com a superfície uma relação direta: dedos, palmas e corpo tornam-se instrumentos de pintura.

A infância ocupa uma posição importante nesse território. A artista observa sobretudo a maneira como crianças transitam livremente

entre realidade e imaginação: correm, dançam ou conversam com alguém que não está presente, sem estabelecer uma fronteira rígida entre aquilo que existe e aquilo que imaginam. Em suas pinturas, essa mesma permeabilidade se manifesta nas figuras que flutuam, correm e atravessam universos cromáticos nos quais figuração e abstração permanecem em constante negociação. Para a criança, lembra a artista, tanto a imaginação quanto a vida real podem ser igualmente vivas.

Mas seria impreciso compreender esse universo apenas pela inocência. Há algo inquietante nesses personagens. A própria artista reconhece que procura introduzir elementos opostos, capazes de produzir tensão: ao gentil soma-se o irônico; à delicadeza, certa agressividade; à familiaridade, uma estranheza difícil de nomear. A infância, afinal, tampouco é território exclusivamente dócil. Ela contém medo, intensidade, excesso e impulsos ainda não inteiramente domesticados. É dessa ambiguidade que as figuras de Rokkaku retiram parte de sua força.

Em São Paulo, esse movimento ganha uma nova camada. Além das cerca de 15 telas apresentadas na exposição, Rokkaku realiza uma pintura ao vivo, incorporando ao processo a presença do público e a energia do lugar. Para ela, pintar diante de outras pessoas estabelece uma circulação: recebe-se algo daqueles que observam e algo lhes é devolvido. A obra torna-se, assim, experiência compartilhada e acontecimento. Não existe inteiramente antes daquele encontro. É dessa atenção ao que pulsa ao redor — mesmo quando não pode ser imediatamente nomeado — que suas imagens parecem se alimentar.

Se sua pintura parece tão viva, talvez seja porque ela preserva uma condição de instabilidade: as formas podem surgir e desaparecer, o abstrato pode tornar-se corpo, o corpo pode novamente dissolver-se em cor. Ao final, a tempestade não representa uma interrupção desse percurso. Ela pertence a ele. Porque continuar não significa permanecer intacto. Continuar é aceitar a transformação como condição da própria existência. E talvez seja isso que essas pinturas nos devolvam: a possibilidade de habitar o mundo como as crianças que atravessam suas telas — entre aquilo que vemos e aquilo que imaginamos, entre a delicadeza e o assombro, disponíveis ao desconhecido e ainda capazes de descobrir, no movimento incessante do mundo, alguma coisa pela primeira vez.

Ana Carolina Ralston
Curadora

Ayako Rokkaku

Playful, Stormy, Continuing

A storm never returns a landscape exactly as it found it. It carries a force capable of displacing what once seemed stable, unsettling contours, and establishing, if only for a moment, another possible order. Once it passes, something remains, while something else is inevitably transformed. Perhaps it is precisely within this interval, between what disappears, what emerges, and what endures, that we may find one of the keys to entering the painting of Ayako Rokkaku.

Playful, Stormy, Continuing, the Japanese artist's first solo exhibition in South America, brings together a group of new paintings conceived around these three states. More than words assembled into a title, they describe movements that run through her practice. To play is to experiment; the storm disrupts and transforms; to continue is to accept that nothing returns exactly to where it began. There is, then, a kind of continuous movement within her painting, as though each image existed less as a finished form than as an event still unfolding.

The philosopher Henri Bergson understood life through **la durée**, a form of duration that could not be divided into independent instants, since each moment retains something of what came before while simultaneously giving rise to what is yet to come. Existence, in this sense, would be less a succession of states than a continuous flow of transformation. Something similar takes place in Rokkaku's paintings: the images do not follow a predetermined drawing but emerge in the process of being made. Her works begin in abstraction, and it is from this initially formless field that bodies, faces, and presences gradually begin to appear.

For Rokkaku, painting is also a process of discovery. Her characters do not arrive on the canvas as figures imagined in advance; they emerge from the encounter between color, gesture, and matter. There is something revelatory in this process, as though the artist must move through the painting in order to encounter what she herself does not yet know. Her hands play a fundamental role in this. Rokkaku often works without brushes, establishing a direct relationship with the surface: fingers, palms, and body become instruments of painting.

Childhood occupies an important place within this territory. The artist is particularly attentive to the way children move freely between

reality and imagination. They run, dance, or speak to someone who is not there, without drawing a rigid boundary between what exists and what they imagine. In her paintings, this same permeability manifests itself in figures that float, run, and move through chromatic universes in which figuration and abstraction remain in constant negotiation. For a child, as the artist observes, imagination and real life can be equally vivid.

Yet it would be misleading to understand this universe solely through the lens of innocence. There is something unsettling about these characters. The artist herself acknowledges her desire to introduce opposing elements capable of generating tension: irony alongside gentleness, a certain aggressiveness alongside delicacy, and an elusive strangeness within the familiar. Childhood, after all, is not an exclusively gentle territory either. It contains fear, intensity, excess, and impulses that have not yet been fully domesticated. It is from this ambiguity that Rokkaku's figures derive part of their force.

In São Paulo, this movement acquires another layer. In addition to the approximately fifteen canvases presented in the exhibition, Rokkaku creates a painting live, bringing the presence of the audience and the energy of the place into the process. For her, painting in front of others establishes a form of exchange: something is received from those who watch, and something is given back to them in return. The work thus becomes both a shared experience and an event. It does not fully exist before that encounter takes place. Her images seem to draw their energy from this attentiveness to what pulses around them, even when it cannot immediately be named.

If her painting appears so alive, perhaps it is because it preserves a condition of instability: forms can emerge and disappear, abstraction can become a body, and the body can dissolve once again into color. In the end, the storm does not represent an interruption in this journey. It belongs to it. To continue does not mean to remain intact. To continue is to accept transformation as a condition of existence itself. And perhaps this is what these paintings offer us: the possibility of inhabiting the world like the children who move through her canvases, between what we see and what we imagine, between delicacy and wonder, open to the unknown and still capable of discovering, within the world's ceaseless movement, something for the very first time.

Ana Carolina Ralston
Curator